

## O POETA FAIALENSE MANUEL INÁCIO DE SOUSA – NO 2.º CENTENÁRIO DA SUA MORTE \* <sup>1</sup>

FRANCISCO TOPA

Topa, F. (2004), O poeta faialense Manuel Inácio de Sousa – No 2.º centenário da sua morte. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 13: 83-87.

**Resumo:** O autor apresenta uma síntese das suas pesquisas sobre o poeta açoriano Manuel Inácio de Sousa (1739-1802).

Topa, F. (2004), On the poet Manoel Inácio de Sousa born in Fayal (Azores) – By occasion of the 2.<sup>nd</sup> centenary of his death. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 13: 83-87.

**Abstract:** In this article the author presents a synthesis of the researches he did and published about the poet Manuel Inácio de Sousa (1739-1802), born in Fayal (Azores).

Francisco Topa – Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 4150-564 Porto.

Passado mais de um quarto de século da publicação da *Antologia de Poesia Açoriana* de Pedro da Silveira (SILVEIRA, 1977), alguns dos objectivos que a animaram continuam muito longe de estarem cumpridos. Um deles seria a realização de um pesquisa sistemática sobre aquilo que o autor designa como “literatura açoriana” – e que eu preferiria dizer “literatura nos Açores” –, com uma especial atenção ao período não-contem-

porâneo. Na verdade, e apesar dos esforços do próprio Pedro da Silveira e de muitos outros – com destaque talvez para o também já falecido Rui Galvão de Carvalho –, há muita investigação de pormenor que está ainda por fazer: sobre autores, sobre textos, sobre periódicos, sobre edições. Sem monografias desse tipo – que bem poderiam substituir tanta dissertação de mestrado pouco útil –, dificilmente disporemos algum dia de

---

\* À memória de Pedro da Silveira.

<sup>1</sup> Este texto foi escrito para servir de base a uma conferência que deveria ter ocorrido a 25 de Outubro de 2002, na Casa dos Açores de Lisboa.

uma *História da Literatura nos Açores* ou até de uma *Antologia* que me lhore consideravelmente a do investigador e poeta das Flores. E essas duas publicações seriam sem dúvida a melhor homenagem que poderia ser prestada à memória de Pedro da Silveira.

O meu propósito é, evidentemente, mais modesto: participando numa sessão que assinalada o 2.º centenário da morte do faialense Manuel Inácio de Sousa, tentarei apenas apresentar uma síntese das pesquisas que realizei e fui publicando (TOPA, 1995: 19-20; 1998; 2000: 431-439; 2001) sobre este poeta setecentista.

Manuel Inácio, que Pedro da Silveira considerou «talvez o melhor dos neo-clássicos açorianos» (SILVEIRA, 1977: 7), nasceu a 20 de Dezembro de 1739, na Horta. Aí viria também a falecer, provavelmente em 1802, data avançada pelo seu primeiro biógrafo, António Lourenço da Silveira Macedo (MACEDO, 1881).

Embora continuem a faltar elementos sobre certos aspectos da vida do autor faialense, o essencial do seu percurso é conhecido. Quanto aos estudos universitários, por exemplo, pude apurar que se matriculou em *Instituta* no ano lectivo de 1760/61, alcançando o grau de Bacharel em Cânones a 25 de Maio de 1764 e o de Licenciado a 23 de Julho. Regressando ao Faial, casaria com a sobrinha Luísa Francisca de

Sousa Sarmento, vindo a ser pai de sete filhos. Segundo António Macedo, terá exercido alguns cargos públicos, designadamente o de Vereador da Câmara Municipal e o de Provedor dos Bens dos Defuntos e Ausentes. Montaria depois, com um dos seus irmãos, uma importante casa comercial, voltada sobretudo para a exportação de vinhos, da qual se retiraria anos mais tarde, instalando-se num imponente palacete no sítio do Pilar, referido num dos seus poemas.

Até há pouco insuficientemente inventariada e editada, a obra poética de Manuel Inácio de Sousa está actualmente fixada num total de 23 textos, distribuídos do seguinte modo: oito sonetos, cinco odes, três églogas, duas elegias, dois idílios, uma canção, um madrigal e um poema em quadras heptassilábicas. Não é contudo de excluir a hipótese de virem a ser encontrados novos poemas, sobretudo em bibliotecas e arquivos particulares. Seja como for, o conjunto já reunido mostra com clareza que não estamos perante um poeta ocasional e circunstancial.

Passando a uma breve comentário da poesia do autor, não podemos deixar de notar que ela apresenta uma grande variedade de formas poemáticas e de recursos técnicos. No domínio da métrica, embora use preferencialmente o decassílabo, também lança mão do seu quebrado, o hexassílabo,

e chega a experimentar com mestria o tradicional redondilho maior. Algo de semelhante se verifica quanto às formas estróficas e aos modelos rítmicos: o poeta tanto apresenta composições de estrofação irregular como recorre ao terceto, à quadra ou à sextilha; e, embora use quase sempre o verso rimado, com diferentes esquemas, não enjeita o verso branco, bem característico da época.

Mas o que mais importa notar é que estamos perante um poeta, e um poeta de certo interesse no panorama do neoclassicismo português. Mesmo nos poemas de circunstância – que são apenas quatro – podemos comprovar essa afirmação. Vejamos, por exemplo, dois pormenores da elegia começada pelo verso *Perdoa, sombra ilustre, se o sossego*, que Manuel Inácio consagrou à morte de D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, ocorrida a 11 de Setembro de 1788. Atentemos neste terceto (vv. 31-33), em que o enunciador interpela a morte:

«Inexorável monstro de fereza,  
Quantos frutos em flor arrebatas-  
te?  
Que glória ao Reino, ao sólio que  
[grandeza?]

Repare-se sobretudo no belo efeito do zeugma e do quiasmo sintáctico no último verso e atente-se no modo

como a distribuição dos acentos destaca os quatro substantivos:

Que / gló / ria ao / Rei / no, ao / só / lio  
/ que gran / de / za?

Ainda no mesmo poema, veja-se o primeiro verso do quarteto final, em que se dá conta do resultado nulo das súplicas da destroçada consorte:

«Calava a terra, o Céu não respon-  
[dia].

Uma vez mais, note-se o efeito do quiasmo, reforçado pela oposição ao nível dos substantivos (“terra” / “Céu”) e pela similitude das formas verbais (“Calava” / “não respondia”). Aliás não faltam os exemplos capazes de mostrar o talento poético do faialense. Veja-se por exemplo a expressividade do verbo “cortar” neste dístico, pertencente à ode *Descansemos, Anarda, neste sítio*:

«Vão as águas aos olhos fugitivas  
Cortando a verde relva destes pra-  
[dos]» (vv. 8-9).

Atente-se ainda nos vv. 25-26 da ode *Enquanto pelos campos estendidos*:

«Eu em seu terno peito respirava;  
Eu em seus lindos olhos sempre  
[ardia].

Se os adjectivos são convencionais, o dístico merece referência pelo paralelismo, pela imagem original do se-

gundo verso e sobretudo pelo contraste entre “respirar” e “arder”, ambos apresentados como fonte de alegria e de vida para o sujeito.

Mas, para além de pormenores desse tipo, é sobretudo na representação do amor que reconhecemos em Manuel Inácio de Sousa um poeta. Seja na candura – que diríamos juvenil – com que dá conta do prazer do ciúme instalado no rival:

«Oh, quanto feliz sou quando con-  
[tigo  
Gozo tanta frescura deleitosa!  
Mas quanto mais feliz e venturoso  
Se o meu triste rival  
Ouvisse esses suspiros  
Com que premeias meu ardente  
[amor!]  
(vv. 31-36 da ode *Descansemos, Anarda, neste sítio*);

seja na graciosidade com que narra uma cena amorosa, como neste madrigal:

«Ontem, quando a manhã vinha  
[rompendo,  
Encontrei neste prado a Zélia  
[amada,  
Nos cristais duma fonte sossegada  
Seu alvo rosto vendo...  
Mas eu, impaciente e receoso  
De que Zélia adorada  
Ficasse namorada  
De seu rosto formoso,

Da doce fontezinha em que se via  
Lhe turvei a corrente clara e fria.»

É certo que não faltam os motivos convencionais de vários tipos, a começar pelo estilo pastoril, associado por vezes a elementos da mitologia. O leitor dos nossos dias tende a sentir uma tal linguagem como demasiado artificial, podendo experimentar um certo enfado perante a expressão de um sofrimento tantas vezes repetido. Mesmo assim não pode deixar de notar o tom relativamente moderno que Manuel Inácio de Sousa imprime à representação da natureza, moldando-a com frequência ao estado de espírito do sujeito, que disso mesmo se mostra consciente: «Escura me parece a luz do dia, / A noite clara, o campo negro e feio» (vv. 39-40 da ode *Enquanto pelos campos estendidos*). Também não pode deixar de observar que há momentos em que o autor é particularmente feliz na utilização da linguagem pastoril. É o caso da égloga *Manso rebanho meu, que bem guardado*, em que o sujeito toma o gado como seu interlocutor, comparando a situação dos animais sem pastor com a do pastor que perdeu a companhia.

Manuel Inácio de Sousa também se revela bom poeta no registo satírico, embora tenham chegado até nós poucos textos desse tipo. Um deles é a ode *Quem, Lídia, de teu rosto afugen-*

*tou*, em que a (ex-)amada surge representada de modo fortemente disfémico, numa versão satírica do *carpe diem* com sabor a vingança:

«Descarnadas as faces e amarelas,  
Sórdida a testa, crespa e descom-  
[posta,  
Os olhos encovados,  
Denegridos os beiços,  
O Leão mais feroz, que nas monta-  
[nhas  
Atemoriza as feras desternidas,  
Medroso fugira  
De teu aspecto enorme» (v. 5-12).

De resto a capacidade satírica de Manuel Inácio é atestada pelos sonetos *Que fantasmas, que espectros horrorosos* e *Sobre as asas o Tempo equilibrado*. Em ambos o faialense, defendendo o seu amigo Domingos

dos Reis Quita, ataca com certa violência outro poeta contemporâneo, Caetano Francisco Xavier Zuniga, a quem se refere no primeiro dos sonetos como «aquele pobre home / A quem, por mau Poeta, o Deus luzente/ Ao fado condenou de lobisome».

Chega assim ao fim este breve percurso em torno de um autor cuja obra (ou parte dela) teve de esperar quase dois séculos para ser reunida e editada. Espero, por um lado, ter conseguido mostrar minimamente que se trata de um poeta com interesse, não apenas para a história da literatura feita nos Açores, mas para o conjunto do neo-classicismo português. E espero sobretudo que algum dia venham a ser resgatadas do esquecimento as obras de tantos contemporâneos (e até conterrâneos) de Manuel Inácio de Sousa.

## BIBLIOGRAFIA

- SILVEIRA, P. (1977), *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- TOPA, F. (1995), «Manuel Inácio de Sousa – Um poeta faialense do século XVIII». *Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte*, 34: 19-20.
- IDEM (1998), *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor.
- IDEM, (2001), *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Manuel Inácio de Sousa*, Porto, Edição do Autor, [reformula TOPA, 1998].
- IDEM (2000), «Novas revelações sobre o poeta setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'». *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, (II, XVII): 431-439.
- MACEDO, A. L. S. (1881), «Doutor Manoel Ignacio de Sousa». *O Gremio Litterario. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense*. 2.º ano, vol. II, n.º 28, Horta, 15 de Agosto: 27-28